

Letramento x distúrbios comunicativos – ‘gagueira’

Este trabalho teve como motivação uma rápida observação no ensino básico, onde foi possível chegar a um questionamento: Há relação em aquisição do letramento para indivíduos que possuem distúrbios como a gagueira? Logo, com base nesse pensamento, tem o intuito de mostrar, sucintamente, uma perspectiva do que seria distúrbio comunicativo, especificamente, a gagueira. Baseando-se nos estudos de Jakobovicz, a qual escreveu um livro intitulado ‘Gagueira’, onde ela aborda a origem, desenvolvimento e teorias de definição, utilizando-se de outros teóricos, bem como Blodstein, que também teve seus estudos explanados neste trabalho, tentou-se chegar ao conhecimento sobre as dificuldades que alguém com gagueira depara-se na hora da aquisição do letramento, estando incluso na linha do ensino atual. Abordando a partir deste pensamento, na perspectiva escolar, a alfabetização e o letramento, com informações teóricas, principalmente, de Cagliari e Mortatti, para assim levantar a questão da tal dificuldade, que uma pessoa com distúrbio, pode encontrar no ensino mecânico atual das escolas. Concluindo, com a visão ainda da precariedade do ensino da língua portuguesa nas escolas, exposto por Cagliari, a leitura e a escrita são essenciais para se chegar ao letramento, levando em consideração também o social, pois é notável que a língua seja sinônimo de status social, levando assim a possibilidade de um ‘gago’ ser excluído socialmente, já que não possui uma ‘dicação boa’, ou, até mesmo o próprio indivíduo pode, para não estar entre os excluídos, optar em ter uma posição de rejeição com a leitura, fazendo uso de outros conhecimentos que não sejam inerentes aos estudos formais, como escrita e leitura.

Palavras-chave: Gagueira; Fluência; Disfluência; Distúrbios comunicativos; Desenvolvimento; Alfabetização; Letramento; Dificuldades; Leitura; Indivíduo.

Literacy vs. communicative disorders - 'stuttering'

This work was motivated by a quick observation in basic education, where it was possible to ask a question: Is there a relationship in the acquisition of literacy for individuals who have disorders such as stuttering? Therefore, based on this thought, it aims to show, briefly, a perspective of what would be a communicative disorder, specifically, stuttering. Based on the studies of Jakobovicz, who wrote a book entitled 'Stuttering', where she discusses the origin, development and theories of definition, using other theorists, as well as Blodstein, who also had his studies explained in this work, we tried to get to know about the difficulties that someone with stuttering faces when acquiring literacy, being included in the line of current education. Approaching from this thought, in the school perspective, literacy and literacy, with theoretical information, mainly, from Cagliari and Mortatti, in order to raise the question of such difficulty, that a person with a disorder can find in the current mechanical teaching of schools. In conclusion, with the view still of the precariousness of the teaching of the Portuguese language in schools, exposed by Cagliari, reading and writing are essential to reach literacy, also taking into account the social, as it is remarkable that the language is synonymous with status thus leading to the possibility of a 'stutterer' being socially excluded, since he does not have a 'good diction', or even the individual himself may, in order not to be among the excluded, choose to have a position of rejection with the reading, making use of other knowledge that is not inherent to formal studies, such as writing and reading.

Keywords: Stuttering; Fluency; Disfluency; Communicative disorders; Development; Literacy; Literacy; Difficulties; Reading; Individual.

Topic: **Ensinos Multidisciplinares**

Received: **20/03/2020**

Approved: **29/06/2020**

Reviewed anonymously in the process of blind peer.

Carla Larisse Ferreira dos Santos 
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/2448601951180195>
<http://orcid.org/0000-0003-1271-1101>
carlalarisse7@gmail.com



DOI: 10.6008/CBPC2318-3047.2020.002.0008

Referencing this:

SANTOS, C. L. F.. Letramento x distúrbios comunicativos – ‘gagueira’.

Educationis, v.8, n.2, p.57-67, 2020. DOI:

<http://doi.org/10.6008/CBPC2318-3047.2020.002.0008>

INTRODUÇÃO

Desde o princípio é notável que seja necessário à distinção do que seria, ser Alfabetizado, pessoa que se pressupõe possuir domínio da leitura e escrita; e ser Letrado, pessoa que tem erudição na área de Letras, Literatura, Línguas, etc., porém, existe, a dificuldade de diferenciar as áreas e de ensinar esses dois métodos para os alunos logo nos seus primeiros passos, principalmente se houver indivíduos com distúrbio comunicativo, gagueira.

Pensando por essa vertente, não só pelo sentido semântico das palavras, a alfabetização seria o meio que as crianças têm acesso ao mundo do conhecimento, mas não se tornando letradas, já que são privadas disso nos seus primeiros anos de aprendizado como afirma Mortatti (2004) em seus estudos exposto no livro Educação e Letramento. Provando que, às vezes, só no ensino superior, ou, em raros casos, até antes mesmo, a criança passa ser ensinada a ter um pensamento crítico, que seria um ‘começo’ para se tornar uma pessoa letrada.

Nos estudos da Jakubovicz (2009) sobre a gagueira é possível fazer uma relação com o processo da aprendizagem, mostrando em suas pesquisas, existir aspectos ou atitudes que poderia afetar um indivíduo, dificultando a aquisição de conhecimento, problemas até na hora de ser alfabetizado e mais ainda para conseguir o letramento necessário por começar a desenvolver aversão a práticas de leituras que são métodos usados pelas escolas para ensinar a língua portuguesa.

Nessa perspectiva ainda, Jakubovicz (2009) se utiliza das pesquisas de Blodstein (1960) que mostra existir níveis no desenvolvimento da gagueira, pois a gagueira existe em todas as pessoas nos anos iniciais, mas ela pode se desenvolver para algo mais crônico ou não, mostrando assim também que não existe estaticidade na gagueira. Logo, por não conseguir, perfeitamente, reproduzir, como uma pessoa normal, o léxico, a pessoa que possui o distúrbio num estágio mais grave, poderia ser ridicularizada pelos colegas, e esta criança poderia então, com as emoções essenciais ampliadas, ter determinadas ações sobre as coisas, como na fala também.

Mas, na observação em escolas, em algumas salas de nível básico foram possíveis detectar uma grande variedade de negativismo por muitos alunos, fazendo com que a pessoa gaga fique mais inibida com os estudos e tentando sempre se sair deste campo, ou fazendo brincadeiras, ou simplesmente isolando-se, sendo mais comum o primeiro, julgado pela Jakubovicz (2009) como tendências de maneirismo.

Assim, a aquisição do letramento e até mesmo o método de alfabetização, se torna muito mais complexa para pessoas com gagueira, não dizendo de maneira geral que todo ‘gago’ tem problemas em ser letrado, mas com a observação nas escolas do ensino básico, principalmente nas aulas de português, levando em consideração os que Cagliari (1982) relata sobre as escolas atuais, em sua obra Leitura e Alfabetização, assim é possível notar a inerente complexidade que todos, não só os alunos normais passam, mas para aqueles com distúrbio, ocorre, na maioria dos casos, à preferência em assumir uma postura defensiva para hábitos de leitura, por exemplo, que ajuda na aquisição do letramento.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Gagueira – distúrbio comunicativo

A gagueira é considerada algo difícil de definir, pois, além do que estar no dicionário, que seria somente uma fala repetida ou hesitações e bloqueios na hora de falar, muitos autores não concordam plenamente com essa simples definição, porque a gagueira não seria simples, logo, cada autor tem uma visão e uma tentativa distinta para defini-la.

A autora Jakubovicz (2009), discorre sobre fenômenos observáveis e não-observáveis (encontrados no quadro 1 abaixo), utilizando tais dados para tentar definir o que seria a ‘gagueira’, porque considera que para chegar a uma definição precisa se ater a esses traços já estabelecidos.

Quadro 1: Fenômenos observáveis e não-observáveis, segundo Jakubovicz (2009).

Fenômenos observáveis audíveis e visuais	Fenômenos não-observáveis
<ul style="list-style-type: none"> - Repetição nível do fonema, da sílaba ou do sintagma. - Alongamento de sons. - Bloqueios fonação. - Posições articulatórias fixas. - Pausas silenciosas. - Frases incompletas. - Inserção de sons estranhos à fala. - Mudanças súbitas na tonalidade e na intensidade da voz. - Falha do ritmo de falar. - Falta de sincronização entre a respiração e a fonação. - Distorções faciais e corporais. - Introdução sistemática de pequenas frases ou interjeições. - Esforço motor durante a fala. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conflito entre falar e não falar. - Medo das palavras. - Sentimento de frustração e vergonha. - Falta de confiança na habilidade para falar. - Ansiedade em situações da fala. - Embaraço, tensão, irritação e confusão. - Dúvidas e ambiguidades. - Autodefesa.

Então, com esses dados, para a autora “a gagueira é uma interrupção de sons, das sílabas, das palavras e das frases que o ouvinte classifica como anormal” (JAKUBOVICZ, 1997). Mas o que pode ser considerado normal e anormal? O critério de normalidade é individual e depende muito das informações que o ouvinte recebe da pessoa gaga, pois o ouvinte fará uma comparação com seus parâmetros internos já formados do que seria normal, contudo, o que pode ser anormal para alguns, pode não ser para outros. No entanto, a relação de normalidade está ligada à quantidade, quantos mais se falar sem interrupções do discurso, e à qualidade, à maneira que as pausas são feitas, se há algum esforço físico envolvido.

Logo, o que mais chama atenção é que mesmo muitos autores não concordando com uma só definição, e a existência de controvérsias entre as existentes possibilidades de conceito, há um entendimento que a gagueira surge por um conjunto de influências externas e internas, pois, além do meio social intervir, as emoções de quem tem uma gagueira interfere ainda mais na fluência da fala, porque as interrupções ou bloqueios na hora da fala são acarretados de problemas psicológicos, já que é uma luta interna da pessoa, uma tentativa em ser normal, ou seja, lutar para ser aceito sem discriminação por causa da sua fala.

A fluência e a disfluência

Sendo a fala algo corriqueiro, e feito sem esforço, é tido como normal, assim “a fluência pode ser definida como suma progressão silábica que se faz no tempo, sem oscilações e sem inserções” (JAKUBOVICZ,

2009). Porém, é necessário que os fatores essenciais para a fluência ocorram: a sincronização respiratória correta; a iniciação suave e harmonia; a sustentação da coluna de ar e a vibrações da glote. Pois, só quando há harmonia entre os músculos é que garante as devidas coordenações para se resultar a fala fluente.

Para uma separação didática, a autora Jakubovicz (2009) classifica quatro parâmetros para caracterizar a fluência: 1 - A sequência ou a organização temporal dos fonemas em uma realidade linguística; 2 - A duração ou o tempo que dura à articulação do elemento fonético; 3 - A velocidade com que os elementos fonéticos são articulados; 4 - O ritmo; a prosódica; a cadência; a melodia; a tonalidade e a intensidade.

Mas, essa divisão não existe na prática funciona ao mesmo tempo, como um todo, pois “na fluência há uma transição articulatória de um fonema a outro, com regularidade e facilidade” (JAKUBOVICZ, 2009). Porém, na disfluência será afetado a respiração, a laringe e a articulação, assim se acontecer de prolongar alguma sílaba, modificará o ritmo da fala e na hora da respiração se houver um bloqueio quando articular um fonema, alterará a fisiologia da laringe e assim sucessivamente. Logo, é perceptível que a fluência precisa de sincronização entre a respiração, a fonação e a articulação, tendo que ter aquela harmonia mencionada.

Normalmente fala costuma ter uma grande quantidade de interrupções e hesitações, sendo o locutor gago ou não, então, a identificação da gagueira é intrínseca ao julgamento dos indivíduos ao redor, sendo algo bem subjetivo, pois ele julga seguindo critérios internos do que considera uma fala fluente.

É possível que certas pessoas, diferentes de outras não aceitem pausas muito longas em grande quantidade durante o discurso, tendo logo a impressão de que esteja havendo uma gagueira. Certas pessoas acham o prolongamento de um “eh” ou o uso demorado de “né” como uma interrupção do discurso típico da gagueira, já outras o consideram normal e não passaria pela cabeça delas o termo gagueira. (JAKUBOVICZ, 2009)

Esclarecendo dúvidas a respeito dessas interrupções no discurso, e tendo estes necessários para se conceitualizar a gagueira, tem os termos: **repetição**, que engloba quantidade e qualidade; **pausa**, um intervalo que acontece no decorrer do discurso (dentro deste existe parâmetros chamados de *voluntários, circunstanciais, meditativas e involuntárias*); **interjeições**, inserção de sons, palavras ou frases curtas; e **bloqueio**, interrupção brusca de uma palavra que vem acompanhada de algum esforço vocal ou mesmo corporal.

Como dito anteriormente, na fala de pessoas ditas como fluentes possui algumas dessas ações na hora do discurso, logo só isso não seria suficiente para identificar a disfluência normal para disfluência gaga, assim um fonoaudiólogo tem dois métodos para isso: a frequência de interrupções por minuto e o número de palavras disfluentes do discurso. Pois, o gago tem um atraso na velocidade do ritmo de fala e disfluência no número de palavras, mais do que o locutor normal, porém há também fatores como o esforço físico a ansiedade, tensão, medo ao falar, alterações fisiológicas, a percepção alterada de certas situações, acreditando que falar é difícil e por isso evita, rotulando seus interlocutores como impacientes ou com piedades ou se divertindo e assim evita o contato visual ou palavras difíceis, sua vida social desenvolvendo como só falar rindo e por fim, o gago evita dá suas opiniões.

Jakubovicz (2003), fez uma pesquisa com crianças de 3 e 4 anos e com 6 e 7 anos, avaliou-os quanto contavam histórias e ponderou com os resultados que no desenvolvimento e amadurecimento da criança, ela deixa as disfluências e fica só com as interjeições (as quais com o tempo diminui também) e as repetições

de palavras, então, deduziu que a fluência seria conquistada através da aquisição e do uso da linguagem.

Em uma nova pesquisa, a autora estudou com detalhes a chamada ‘pausas preenchidas’ – a ocorrência de interjeições e prolongamentos, tudo para achar o seu significado no discurso. Na luz da linguística e psicolinguística, informa que a disfluência contém uma variedade de significados e considerou, em sua pesquisa, que as repetições de sílabas ou frases, os prolongamentos, as frases abortadas e as interjeições como sendo disfluência.

A sua pesquisa envolveu 20 adultos, de 18 e 30 anos, e 20 crianças, de 6 e 8 anos, chegou à conclusão, com os métodos utilizados, que à medida que a criança amadurece deixa-se para atrás, por exemplo, as repetições das palavras, frases ou sílabas, que na fala das crianças era predominante assim como as frases abortadas, mas predomina na fala do adulto, características da disfluência, como os alongamentos vocálicos, por exemplo, porém, na pragmática existiria algumas explicações para isso, do tipo, que o adulto estria preocupado com o julgamento do ouvinte, estria inseguro sobre o tema, estando ansioso em falar a mensagem e as emoções que possa estar sentindo na hora de comunicar-se.

A conclusão a que se chega nessa pesquisa é que a interrupção no discurso não é uma característica somente encontrada em crianças ou na gagueira. Ambas as populações estudadas usam o marcador linguístico, mas de modo diferente e em um tempo diferente também. As pesquisas sugerem, por outro lado, que, à medida que a pessoa amadurece linguisticamente, ela abona o uso das repetições ou as substitui por prolongamentos e interjeições, indicando haver necessidade se ter um “tempo” para elaborar as ideias. (JAKUBOVICZ, 2009)

O desenvolvimento da gagueira

De acordo com Blodstein (1960) e Van Riper (1971), existe um desenvolvimento típico da gagueira, pois crianças a partir dos 2 até 5 anos tem tendência de gaguejar, mas com o passar dos anos e a maturidade chegando, elas vão modificando sua maneira de gaguejar, dessa forma a gagueira sai de uma forma simples para uma mais complexa, desenvolvendo-se com severidade à medida que a pessoa vai crescendo. Então, todos os aspectos da disfluência aumentam com o tempo e, logicamente, a fluência vai diminuindo (JAKUBOVICZ, 2009).

Nas pesquisas de Blodstein (1960, citado por JAKUBOVICZ, 2009), salienta-se que há uma “alma” da gagueira que seriam as pequenas repetições e os prolongamentos, mas com o tempo essa essência diminuiria. Agora os contatos presos ou bloqueios, são típicos de uma gagueira mais severa, assim como os sintomas associados ou os maneirismos tem um relativo aumento, então o período de fluência vai diminuindo, em contrapartida a gagueira aumenta.

É de se notar que as situações e palavras difíceis de falar só começam a aparecer por volta dos 6-7 anos e aumentam de severidade gradualmente. As antecipações do momento em que se vai gaguejar e as substituições de palavras começam a aparecer mais tarde, ou seja, por volta de 8-9 anos, indicando que a criança começa a ter emoções (medo e ansiedade) depois que a gagueira se desenvolveu. O evitar falar só aparece por volta de 4-5 anos e vai desenvolvendo-se junto à gagueira. (JAKUBOVICZ, 2009)

Por tanto, não existe estaticidade da gagueira através dos anos, ao contrário, ela com o passar do tempo, com o crescimento do medo de falar e o estresse comunicativo, só alimenta a gravidade da gagueira.

A partir disso, Blodstein (1960, citado por JAKUBOVICZ, 2009), desenvolveu quatro fases explicando o processo de desenvolvimento que ele considera sendo típico e não-universal. Na tabela 1 abaixo, estar organizadas e explicitadas sucintamente às fases elaboradas por Blodstein (1960, citado por JAKUBOVICZ, 2009).

Tabela 1: Fases e suas características, segundo Blodstein (1960).

FASES	FAIXA ETÁRIA	CARACTERÍSTICAS
Fase 1	entre 2 a 6 anos	Distúrbio episódico – épocas de total fluência já em outros períodos aparecem à gagueira. Pode acontecer de sumir espontaneamente. Não tem consciência da gagueira.
Fase 2	dos 4 anos até a idade adulta	O distúrbio é essencialmente crônico – poucos ou muitos intervalos de fluência. Conceito negativo de si mesmo. Consciência da gagueira. Sem preocupação com as dificuldades da fala.
Fase 3	dos 8 anos até a idade adulta	A gagueira como resposta em determinadas situações sociais. Alguns sons se tornam difíceis de falar do que outros. Substituição de palavras. Antecipação da gagueira. Não há embaraço com relação à fala.
Fase 4	dos 10 anos até idade adulta	Gagueira crônica. Antecipação da gagueira. Medo de palavras e de situações sociais que implique a fala. Substituição frequente de palavras classificadas como difíceis de falar. Evitar falar constantemente. Sensível às reações do interlocutor.

Fonte: Elaborado do a partir dos dados coletos de Jakubovicz (2009).

Como pode ser observado na tabela acima, algumas atitudes são relacionadas e/ou consequências da/à gagueira, dessa forma a autora Jakubovicz (2009), classifica-as e argumenta sobre cada uma delas, mas se atendo somente a uma em especial: emoções. Pois é comum se ouvir que ‘falar é vergonhoso’, ‘é difícil falar certas palavras porque os outros podem rir’ e assim por diante, é claro que isso pode estar relacionado até as pessoas fluentes, mas para uma pessoa gaga, todas as emoções são ampliadas, por justamente ocorrer um combate interno de falar ou calar.

Levando em consideração, que as emoções são essenciais para a vida, pois movem a interação humana em sociedade, assim como interfere na vida pessoal de cada indivíduo, já que impulsiona a pessoa a agir. As emoções são classificadas em dois tipos: as **emoções primárias ou elementares** são as primeiras manifestações da pessoa após nascer com o que acontece ao redor; e as **emoções complexas ou secundárias** que são as mais complexas e dependem de causa e consequência, mas se manifesta de maneiras diferentes para cada indivíduo e encontram-se nesta classificação as emoções estéticas, religiosas e amorosas.

Contudo, além das emoções primárias no estado emocional de uma pessoa gaga tem a **raiva ou cólera** – barreira entre o indivíduo e a realização de um objeto, frustração progressiva e uma contrariedade; a **vergonha** – introspecção do indivíduo podendo levar a uma quietude exagerada ou uma tendência a se esconder; o **susto ou medo** – a pessoa entra em pânico diante de uma situação da qual não pode fugir; e a **ansiedade** – uma sensação de receio sem causa aparente.

Alfabetização, letramento e suas dificuldades iniciais – perspectiva escolar

“Uma emoção forte, brusca ou intensa impede a atenção e a concentração do indivíduo sobre

determinada ação ou objeto, incluindo-se aí a fala e a linguagem” (JAKUBOVICZ, 2009). Colocando tal informação numa perspectiva escolar, com todos os seu método mecanizado em alfabetizar os alunos, uma pessoa que tem esse distúrbio pode encontrar mais dificuldades, que os demais, pois, mesmo existindo três concepções de linguagem, sendo A TERCEIRA voltada totalmente ao trabalho do letramento, nas escolas atuais, a decodificação é a única usada, sendo apresentado como o suficiente, mas, seria suficiente para uma pessoa gaga passar por esse processo mecanizado e conseguir chegar a ser, não só alfabetizado, mas também letrado?.

Como mencionado acima, fortes emoções podem causar a desconcentração da pessoa gaga e em uma sala com mais de trinta a quarenta alunos, fica difícil o professor prestar atenção nas disfluências de uma ou duas pessoas nesse meio, já que os educadores são forçados a seguir esse roteiro mecânico, visando só o máximo de números de alunos que possam mecanizar e dizer que estão alfabetizados. Abordando essas práticas mecânicas ensinada em sala de aula, é possível ver que o professor de língua portuguesa possui certas limitações. Dessa maneira a escola não segue a simples função de ensinar como a língua é falada, a as formas da leitura e a escrita.

Ao entrar na escola, uma criança de sete anos já é considerada linguisticamente madura, então, com seu convívio familiar, já possui seu próprio dialeto, assim as escolas não devem corrigir o português dos alunos, mas sim, ensinar como funciona, os usos, os valores sociolinguísticos e as variedades, respeitando a sua variedade já internalizada, porém a “língua revela sempre um status social e não raramente também uma origem geográfica” (CAGLIARI, 1982).

Logo, uma pessoa com gagueira poderia ser recriminada, por ter hesitações ou bloqueio na hora da fala, assim, por não conseguir falar determinadas palavras certas como outra criança que não é gaga, mesmo sendo todas submetidas a aprender o dialeto escolar, como denomina Cagliari (1982) em sua obra *Leitura e Alfabetização*. Ele acredita que o aluno poderia, sem prejudicar o aprendizado, aprender o dialeto escolar e manter o seu dialeto próprio, porém, seria através da leitura que as crianças iriam adquirir esse dialeto.

As leituras nas escolas são feitas, mas para aquele que possui alguma dislexia tem um efeito contrário, pois, por não falar bem, quando ler em público pode sentir um dos sentimentos citados acima, pode ter também alguma reação contrária, como mencionado, dessa maneira ele pode ser excluído ou ser alvo de ataques das outras crianças, deixando esse indivíduo nervoso e com vontade de desistir de tentar ler. Sem a possibilidade do professor se concentrar em acompanhar e ajudar com outros métodos esse aluno seria também um ‘motivo’ para a dislexia piorar, pois, os sentidos e emoções estariam inflamados, já que para o gago, todos os sentimentos são ampliados.

Se pensar nos problemas patológicos linguísticos que ocorrem nas escolas, como a distinção de sons de uma letra para outra, uma conversa com um indivíduo com gagueira é possível perceber que ele até afirma reconhecer as letras em sua mente, mas na hora de reproduzir, não sai da forma que o ouvinte espera, pois não tem a distinção perfeitamente do som de uma letra para outra, porque o sistema de *feedback* ou retroalimentação desses indivíduos, não parece funcionar da mesma forma que uma pessoa dita como normal,

porque o falante normal consegue, sem esforço, de forma automática ou semiautomática, vigiar a fala, mas se nessa vigilância intermitentemente falar algo errado ou algo mal pronunciado, o falante perceberá e o erro será imediatamente corrigido.

Contudo, se um gago ouvir a palavra ‘Claudio’ e for pedido que escreva esse nome, logo depois leia o que escreveu, é bem provável, no caso de uma gagueira mais crônica, que o gago escreva ‘Cradiu’ e ele, dessa maneira, diga que está certo, pois foi assim que ele escutou, levando em conta também o pequeno travar que o fonema /R/ causa em seu aparelho fonador, fazendo-o arrastar o som, puxando, para ele, o som de /l/. A percepção de que estaria errado teria que ser mostrado e explicado do porquê de estar errada a sua grafia e sua leitura. Assim a relação da língua falada, a língua escrita e a leitura, para um indivíduo gago é um pouco deturpada.

Ainda na prática de leitura, Cagliari (1982) afirma que:

A leitura de textos deve aparecer só depois que a criança já dispõe de boa habilidade de leitura e de escrita. O texto deve ficar para depois, não por dificuldade de produção oral do que está escrito, mas porque ele envolve outros aspectos linguísticos, para os quais, a criança ainda não foi treinada, como exemplo, acompanhar o desenvolvimento de uma ideia enquanto lê.

Se uma criança gaga tem dificuldades para escrever, já que não tem em sua oralidade, uma dicção boa, a habilidade de ler texto fica prejudicada, pois o pensamento fica desfocado, a criança que possui gagueira tem mais preocupação em ler corretamente, uma característica de perfeccionismo exacerbado, tudo para não passar vergonha, mas, quanto mais nervosismo menos palavras fluem corretamente e assim dificultando cada vez mais que o indivíduo preste atenção no que tá lendo, desejando apenas que aquilo acabe logo.

Além disso, há um obstáculo que a criança encontra com a animosidade das outras crianças, que mostram atitudes de julgamento, ficando impacientes, por exemplo. Logo, com essa avaliação prévia sobre o interlocutor, a pessoa tende a rotular o ato de ler publicamente difícil, criando ou alimentando uma aversão à leitura.

Cagliari (1982) postula etapas para se dá tempo a criança para que ela possa desenvolver o aprendizado da leitura: 1 - Reconhecer visivelmente o valo de cada letra; 2 - Converter as letras em sons e processar as unidades fonéticas como sílabas, acentos, grupos tonais, entoação, etc.; 3 - Treinar sozinha dizer o que programou; 4 - Dizer em voz alta o que é para ser lido.

Porém, ele ainda afirma que as crianças que são forçadas, quando lê, a acompanhar com os olhos, é forçar o vício da soletração na leitura. É necessário tempo e paciência quando se remete aos alunos gagos, porém, como isso não acontece, este aluno, em especial, que não acompanha o restante da turma pode ter como consequência a exclusão social, os colegas tacharem de burro e usar o termo ‘gago’ pejorativamente.

Obviamente, quando o aluno começar a ler textos onde aparecem várias frases, ele necessitará de mais tempo para engatar uma frase na outra, e à medida em que se tornar mais hábil na leitura, essas pausas diminuirão até atingirem a duração requerida por uma leitura normal. (CAGLIARI, 1982)

Uma pessoa gaga tem essa etapa mais lenta ainda, já que no processo de desenvolvimento que foi apresentado anteriormente comparando com as práticas leituras das escolas, o aluno gago pode ser deixado

de lado por encontrar mais dificuldade na leitura normal, porque na sua fala tem a repetição de frases, sílabas ou palavras.

As escolas não se preocupam individualmente com os alunos e em suas dificuldades, e sim com os números, se a maior parte de uma classe, por exemplo, consegue, por este método de leitura, aprender, então é um sucesso, a alfabetização está ocorrendo magnificamente bem, julgado também que, ao alfabetizá-los, se tornarão letrados ao mesmo tempo.

Aquisição do letramento

Nas palavras de Paulo Freire, pode-se perceber uma concepção diferente do que é alfabetizar, pois o conceito de ‘alfabetização’ e ‘letramento’ foi mesclado durante muito tempo, sendo considerado, esses dois termos, uma coisa só, mas é necessário que se faça uma distinção entre eles.

O ato de ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e a seguir escreveram as palavras. (FREIRE, 1990)

Um pouco acima foi debatido sobre as dificuldades de uma pessoa gaga para com os métodos de alfabetizar das escolas, mas, mesmo hoje, alfabetizar é sinônimo de letrar, julgado, porém, por muitos teóricos, que não é a mesma coisa. O conceito de letramento perpassa o de alfabetização, pois, com o passar do tempo começou a ser necessário que fosse enfatizado uma relação entre a sociedade e a educação, para que se buscasse uma consciência com finalidades sociais e políticas.

Para designar os indivíduos que não sabem ler e escrever usasse a palavra ‘analfabeto’ ou ‘analfabetismo’, mas para aqueles que sabem ler e escrever, porém não tem o domínio do letramento, denominaram de ‘analfabetos funcionais’ ou ‘analfabetismo funcional’. Levando em consideração que metade da população poderia ser classificada dessa maneira, por justamente os conceitos de alfabetizar, decodificar a língua – ler e escrever –, se misture com o do letramento, a focalização dos “aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 1995), uma pessoa com gagueira poderia ter menos chances de se torna letrado, menos ainda do que comparando com os outros, caso não tratado adequadamente.

Porém, como foi dito acima, as escolas negligenciam a maioria dos seus alunos, passando sem nem perceber muitas vezes por esses indivíduos em questão, ou percebem, mas não podem fazer nada, já que as escolas não visam à individualidade educacional dos alunos, pois se:

Através do letramento o indivíduo consegue socializar-se com o próximo, pois possibilita novos tipos de trocas simbólicas, acesso aos bens culturais, enfim um maior conhecimento do mundo ao seu redor, bem como um exercício mais consciente da cidadania e do desenvolvimento da sociedade, sabendo compreender, criticar, interpretar, enfim, produzir conhecimento significativo. (SILVA, 2008)

Nessa perspectiva colocada por Silva, é possível dizer que a pessoa gaga, pode não chegar a ser letrado e assim afetar a socialização? Provavelmente, pois como produzir conhecimentos significativos, se para chegar nesse conhecimento tem que passar pela leitura? Mas, como exposto anteriormente, se leitura se tornar o ‘inimigo’ para os gagos? Seria ainda possível chegar ao letramento como está descrito por Silva?.

Com uma observação foi possível perceber que, mesmo não sendo letrado adequadamente, não afetou 100% sua socialização, encontrando outras formas para deixar de lado a dificuldade encontrada na hora de falar, e se integrar na sociedade, mesmo que muitos o excluam pela taxação do termo ‘gago’ de forma pejorativa, pois esses indivíduos já estão enquadrados como ‘analfabetos funcionais’ ou até um termo diferente, um ‘iletrado’. Julgando dessa forma, que uma boa parte da sociedade pensa, a afirmação que o gago não produza nada de significativo, mas é evidente que há certo conhecimento, porém, não seja o bastante para ser dito como erudito, já que por todas as lembranças ruins das aulas de português do seu primário com seus colegas, ainda hoje julga os seus interlocutores e se exigir demais, o gago não só poderá ter aversão à leitura, mas também, nem compreenda ou perceba que, está tendo uma versão ao se tornar letrado.

A autora Mortatti (2004) define em seu livro que não exista só um tipo de letramento, defendendo tal posição dizendo que o letramento é *continuum*, em dimensão social, mas ele seria “um conjunto de práticas sociais em que os indivíduos se envolvem de diferentes formas, de acordo com as demandas do contexto social e das habilidades e conhecimentos de que dispõem”.

Ainda afirma que existam diferentes níveis de letramento, do ponto de vista social, colocando em foco as dificuldades “em definir quais habilidades e conhecimentos caracterizam uma pessoa letrada e tornando pouco explicativas e muito simplificadoras as dicotomias: analfabeto x alfabetizado, analfabetismo x letramento, letrado x iletrado” (MORTATTI, 2004). Assim, pensando na pergunta acima e na observação feita de que há outras formas de o gago socializar, seria possível enquadrar essa posição como um nível do letramento.

Mesmo adultos ou crianças analfabetos ou pertencentes a grupos com cultura predominantemente oral podem ser considerados letrados em certo nível, porque podem utilizar em seu discurso oral características apontadas como exclusivas do discurso escrito, indicando sua imersão no letramento, por meio de práticas orais de socialização do escrito e de aprendizagem não escolar da cultura letrada. Ou, ainda, pode ocorrer que pessoas alfabetizadas tenham um baixo nível de letramento, chegando mesmo a ser consideradas iletradas. (MORTATTI, 2004)

Então, não se pode afirmar que exista uma pessoa que não possua letramento nenhum – nível zero de letramento –, assim como fazer uma distinção cirúrgica entre letramento e analfabetismo, nem tampouco considerar a existência de iletrados absolutos, pois considerar isso seria dizer que não exista uma relação entre a alfabetização com o letramento. Mas é necessário estar ciente das dificuldades que alguém, com a gagueira, pode possuir na hora da aquisição do letramento, pois o simples fato de ser alfabetizado não garante que a pessoa seja letrada.

Este fato é comprovado, já que mesmo não existindo um iletrado absoluto, existe o analfabeto funcional, aceitando o uso desses termos também para os gagos, porque a maioria deles são taxados dessa maneira, pois, ao ter aquela aversão a leitura, mencionada acima, dificulta sim, aquisição do letramento.

Por tanto, o letramento não é consequência natural da alfabetização, mas “um indivíduo letrado e alfabetizado é mais poderoso que o letrado não alfabetizado” (MORTATTI, 2004). Então, alfabetização não é pré-requisito para o letramento, mas não é possível separar de maneira radical o letramento da

alfabetização.

CONCLUSÕES

Há vários fatores que influenciam a gagueira, mas, se olhando criticamente para um fator peculiar, intitulado pela autora Jakubovicz (2009) como **Atitude do interlocutor**, onde ela explicita que a gagueira parece variar se houver penalidades sociais contra o gago. Assim, é possível deduzir que o nível de gagueira de uma pessoa pode não ser um só, fixo, como se todo momento ele ou ela irá gaguejar do mesmo jeito, pois, como a própria autora ressalta mais o que já foi exposto sobre o assunto, mostra que as atitudes por parte das pessoas da sociedade, assim como a própria atitude do gago com ele mesmo pode amenizar ou piorar a intensidade da gagueira. “A quantidade de dificuldade que a pessoa experimenta, quando lê um trecho diante de alguém, está em relação consistente com a avaliação prévia pela pessoa gaga sobre o seu interlocutor” (JAKUBOVICZ, 2009).

Logo, levando em consideração também o social, pois a dificuldade que o gago pode ter provém de quem escuta, se aceita ou não, pensando também na batalha interna em se aceitar, mas se houver mais aceitação como pessoa e não como gago essas dificuldades, por exemplo, por parte de leituras públicas, poderia diminuir àquela aversão mencionada acima da leitura, pois

A comunicação é um ato social. As expressões comunicativas aparecem quando quem fala não se sente à vontade, quando se sente inferior, quando espera desaprovação ou rejeição. Todas essas circunstâncias, geralmente, estão presentes na gagueira, o que intensifica os sintomas. (JAKUBOVICZ, 2009)

Por tanto, a leitura e a escrita precisam ser ensinadas e aprendidas, mas não se pode deixar de lado que os gagos precisam de uma atenção a mais para que não sejam negligenciados e excluídos socialmente só por que possui uma dificuldade na aquisição deste conhecimento tão importante.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P.; DONALDO, M.. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JAKUBOVICZ, R.. **Gagueira**. 6 ed. Rio de Janeiro: REVINTER, 2009.

MORTATTI, M. R. L.. **Educação e letramento**. São Paulo:

UNESP, 2004.

SILVA, P. P.. **Letramento digital: o uso do computador como possibilidade pedagógica e necessidade social**. 2008.

TFOUNI, L. V.. **Letramento e alfabetização**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

A CBPC – Companhia Brasileira de Produção Científica (CNPJ: 11.221.422/0001-03) detém os direitos materiais desta publicação. Os direitos referem-se à publicação do trabalho em qualquer parte do mundo, incluindo os direitos às renovações, expansões e disseminações da contribuição, bem como outros direitos subsidiários. Todos os trabalhos publicados eletronicamente poderão posteriormente ser publicados em coletâneas impressas sob coordenação da **Sustener Publishing**, da Companhia Brasileira de Produção Científica e seus parceiros autorizados. Os (as) autores (as) preservam os direitos autorais, mas não têm permissão para a publicação da contribuição em outro meio, impresso ou digital, em português ou em tradução.